



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

FÁBIO ALEXANDRINO DA SILVA

**ENTRE O HUMANO E O DIVINO: A SUBJETIVIDADE NA FILOSOFIA DE
AGOSTINHO DE HIPONA**

**CAMPINA GRANDE
2024**

FÁBIO ALEXANDRINO DA SILVA

**ENTRE O HUMANO E O DIVINO: A SUBJETIVIDADE NA FILOSOFIA DE
AGOSTINHO DE HIPONA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado à Coordenação do Curso de
Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do título de
graduado em Filosofia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira

**CAMPINA GRANDE
2024**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586e Silva, Fabio Alexandrino da.
Entre o humano e o divino: a subjetividade na filosofia de Agostinho de Hipona [manuscrito] / Fabio Alexandrino da Silva.
- 2024.
16 f.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia)
- Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação,
2024.
"Orientação : Prof. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira,
Departamento de Filosofia - CEDUC".
1. Filosofia medieval. 2. Sujeito. 3. Subjetividade. I. Título
21. ed. CDD 189

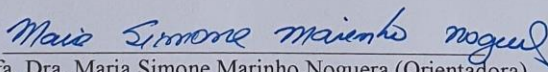
FÁBIO ALEXANDRINO DA SILVA

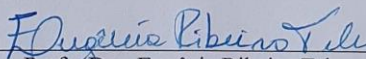
**ENTRE O HUMANO E O DIVINO: A SUBJETIVIDADE NA FILOSOFIA DE
AGOSTINHO DE HIPONA**

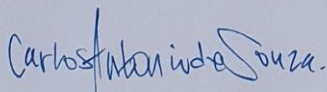
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado à Coordenação do Curso de
Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do título de
graduação em Filosofia.

Aprovada em: 18/11/2024.

BANCA EXAMINADORA


Profª. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Profª. Dra. Eugênia Ribeiro Teles
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Carlos Antônio de Souza
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	05
2 O SUJEITO MODERNO.....	06
3 AGOSTINHO E O SUJEITO QUE BUSCA A DEUS.....	07
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	12
REFERÊNCIAS	13

ENTRE O HUMANO E O DIVINO: A SUBJETIVIDADE NA FILOSOFIA DE AGOSTINHO DE HIPONA

BETWEEN THE HUMAN AND THE DIVINE: SUBJECTIVITY IN THE PHILOSOPHY OF AUGUSTINE OF HIPPO

Fábio Alexandrino da Silva¹

RESUMO

Este trabalho investiga o conceito de sujeito na Idade Média, desafiando a visão tradicional que o associa exclusivamente à Modernidade, com foco no *cogito ergo sum* de René Descartes. A pesquisa parte da análise das *Confissões* de Agostinho de Hipona, destacando como suas reflexões sobre a interioridade e o autoconhecimento antecipam questões centrais do pensamento moderno. Para Agostinho, o sujeito é definido pela busca de autocompreensão em relação ao divino, sendo a alma o local onde o *eu* se confronta com Deus e onde se dá o processo contínuo de transformação pessoal. Diferente da visão moderna, em que o sujeito é autônomo e racional, o sujeito agostiniano é marcado pela dependência da graça divina e pela introspecção orientada para o Criador, sem deixar, entretanto, de ser racional e de ter livre-arbítrio. Além de situar a visão de Agostinho no contexto do pensamento medieval, o trabalho também explora como essa concepção influenciou a construção da subjetividade cristã e forneceu bases para discussões filosóficas posteriores. Conclui-se que a subjetividade, tal como pensada na Modernidade, já encontra raízes profundas na filosofia medieval, mostrando que o conceito de sujeito é uma construção contínua e multifacetada.

Palavras-chave: Agostinho. Sujeito. Filosofia Medieval. Subjetividade.

ABSTRACT

This paper investigates the concept of subject in the Middle Ages, challenging the traditional view that associates it exclusively with Modernity, focusing on René Descartes' *cogito ergo sum*. The research begins with an analysis of Augustine of Hippo's Confessions, highlighting how his reflections on interiority and self-knowledge anticipate central issues of modern thought. For Augustine, the subject is defined by the search for self-understanding in relation to the divine, with the soul being the place where the self confronts God and where the continuous process of personal transformation takes place. Unlike the modern view, in which the subject is autonomous and rational, the Augustinian subject is marked by dependence on divine grace and introspection oriented towards the Creator, without, however, ceasing to be rational and having free will. In addition to situating Augustine's view in the context of medieval thought, the paper also explores how this conception influenced the construction of Christian subjectivity and provided the basis for later philosophical discussions. It is concluded that subjectivity, as conceived in Modernity, already has deep roots in medieval philosophy, showing that the concept of subject is a continuous and multifaceted construction.

Keywords: Augustine. Subject. Medieval philosophy. Subjectivity.

¹ Graduando em Filosofia pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB – Campus I). Email: ffabio.alexandrino@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A questão do sujeito, especialmente em seu desenvolvimento na filosofia medieval, é uma temática de grande relevância para a compreensão da formação do pensamento ocidental. A Idade Média representou um período de profundas transformações culturais e intelectuais, onde a filosofia, sob forte influência do cristianismo, assumiu uma perspectiva voltada para a busca da verdade através da interioridade e do vínculo com o divino. Neste sentido, este trabalho se dedica a investigar essa concepção do sujeito que emerge no período medieval, com especial atenção ao papel fundamental de Agostinho de Hipona, cujas ideias lançaram as bases para uma compreensão singular da subjetividade.

Agostinho de Hipona, um dos filósofos e teólogos mais influentes de sua época, propôs uma visão de sujeito centrada na interioridade da alma e na busca pelo autoconhecimento como caminho para a aproximação de Deus. Em sua obra, *Confissões*, Agostinho articula uma experiência de subjetividade marcada pela introspecção e pela autoanálise, na qual o ser humano é chamado a olhar para dentro de si em busca da verdade. Nesse processo, o sujeito é compreendido não apenas como uma entidade racional, mas como uma alma que encontra sua verdadeira essência e sentido na relação com o divino. Assim, a busca pela verdade não é meramente racional, mas profundamente espiritual, refletindo o anseio do sujeito por um conhecimento superior e transcendente que apenas Deus pode proporcionar.

Procurando seguir esse raciocínio, o objetivo deste trabalho é explorar como a concepção agostiniana de sujeito se consolidou como uma base para a filosofia medieval, enfatizando a importância da introspecção e do encontro com o divino na constituição do ser humano. Com isso, busca-se compreender como essa visão influenciou a construção de uma subjetividade cristã que atravessou os séculos e moldou a identidade do pensamento ocidental. A partir da análise das *Confissões* de Agostinho, propõe-se investigar como a alma, como sede da verdade e da luz divina, torna-se um campo de revelação e transformação, onde o sujeito é convidado a um processo contínuo de autoconhecimento e crescimento espiritual.

Justifica-se o estudo desse tema pela relevância da filosofia agostiniana na estruturação de uma subjetividade que influenciaria profundamente o pensamento filosófico e teológico subsequente. A visão de Agostinho não apenas germina a ideia de sujeito no contexto medieval, mas também lança as bases para debates que atravessariam o período moderno, contribuindo para a concepção de uma subjetividade que, em suas nuances, ressoa até a contemporaneidade. Ao refletir sobre a contribuição de Agostinho, este trabalho também se propõe a iluminar as origens de questões sobre a natureza do sujeito, a relação entre conhecimento e transcendência, e o papel da interioridade como espaço de verdade, questões estas que continuam a suscitar debates filosóficos atuais.

A importância de compreender o desenvolvimento do sujeito no período medieval reside, portanto, na possibilidade de se identificar uma linha contínua de evolução conceitual que conecta a subjetividade medieval com as posteriores correntes de pensamento. A perspectiva de Agostinho, ao valorizar a interioridade e a espiritualidade como essência do sujeito, redefine a própria experiência humana em relação ao divino, oferecendo uma abordagem do sujeito que busca sentido e verdade em uma relação íntima e transformadora com Deus. Dessa forma, estudar o conceito de sujeito em Agostinho é investigar uma das raízes mais profundas da filosofia ocidental e dos modos como pensamos a individualidade e a busca pelo conhecimento.

Para a consecução deste artigo, ele será dividido em duas partes principais. Na primeira, abordaremos o desenvolvimento do conceito de sujeito na filosofia moderna, destacando como a subjetividade foi moldada por meio da secularização e de uma crescente ênfase no indivíduo como ser autônomo e racional. Na segunda parte, voltamos para o pensamento de Agostinho, destacando seu enfoque no sujeito como uma entidade que encontra plenitude e verdade na

busca por Deus. Com essa divisão, buscamos estabelecer um diálogo entre a subjetividade medieval e as discussões modernas, evidenciando como as concepções agostinianas ainda ressoam na reflexão sobre o sujeito e na busca pela compreensão do eu.

2 O SUJEITO MODERNO

Desde a Renascença, a teoria do sujeito tornou-se um ponto central no pensamento filosófico, refletindo uma mudança crucial da visão medieval, que enfatizava a ordem divina e cósmica, para uma abordagem que colocava o indivíduo no centro da busca por conhecimento e significado. O sujeito moderno, conforme delineado por filósofos como René Descartes, é entendido como a fonte primária de conhecimento e ação. Em sua obra *Meditações sobre a Filosofia Primeira*, Descartes afirma o célebre *cogito, ergo sum* (penso, logo existo), sugerindo que o sujeito pensante é o ponto de partida para toda construção do saber. Essa noção destaca a subjetividade como fundamental para a verdade e a certeza, em que os indivíduos compreendem a si mesmos e ao mundo através de suas faculdades racionais.

A partir de Descartes, a noção de sujeito evolui com pensadores como John Locke e Immanuel Kant. Locke, em *Ensaio sobre o Entendimento Humano*, propõe a ideia da tabula rasa, onde o sujeito é visto como uma folha em branco moldada pelas experiências sensoriais. Já Kant, em sua *Crítica da Razão Pura*, vai além, argumentando que o sujeito não é um receptor passivo, mas um agente ativo que organiza a experiência através de estruturas *a priori*, como tempo e espaço. Assim, o sujeito kantiano emerge como central na constituição do conhecimento, atuando ativamente na organização da experiência.

Com o avanço do pensamento filosófico, essa concepção moderna de sujeito enfrenta críticas significativas. No século XIX, Georg Wilhelm Friedrich Hegel introduz uma perspectiva histórica, considerando o sujeito como parte de um processo dialético. Para Hegel, conforme argumenta na *Fenomenologia do Espírito*, o sujeito se forma ao longo da história, em um movimento contínuo de autocompreensão do espírito humano. Essa abordagem histórica altera a percepção do sujeito, que se torna um ser não apenas racional e autônomo, mas também condicionado por forças e dinâmicas históricas.

No final do século XIX e início do século XX, filósofos como Friedrich Nietzsche e Sigmund Freud desafiam ainda mais a ideia de um sujeito fixo. Nietzsche, em *Além do Bem e do Mal*, sugere que a identidade é uma construção frágil, enquanto Freud, em *A Interpretação dos Sonhos*, introduz a ideia do inconsciente, mostrando que o sujeito não controla plenamente seus pensamentos e ações. Essa fragmentação da identidade do sujeito contradiz a visão cartesiana de um eu claro e transparente.

É nesse contexto de críticas e reinterpretações que o filósofo Alain de Libera, em sua obra *Arqueologia do Sujeito: Nascimento do Sujeito*, oferece uma nova perspectiva sobre o sujeito, enfatizando que a modernidade não inventou o sujeito, mas reconfigurou tradições filosóficas anteriores. Na obra supracitada, Alain de Libera, afirma que “a primeira ambição desse livro: pretende-se, se não restituir todas as etapas, pelo menos traçar os aspectos decisivos ou, melhor dizendo, expor as condições históricas mais importantes do *nascimento do sujeito*” (De Libera, 2013, p. 20). De Libera argumenta que, ao longo da história, a noção de sujeito é uma construção que evolui em resposta a contextos sociais, culturais e históricos. Essa ideia sugere que a subjetividade é intrinsecamente relacional, refletindo uma dinâmica de interação que desafia a visão de um sujeito isolado.

Além disso, o estudioso francês propõe que o sujeito moderno é um espaço de disputa, onde várias forças interagem e moldam a compreensão do que significa ser humano. Ele observa que a *arqueologia do sujeito* é um trabalho contínuo de escavação que revela as camadas e tensões presentes na formação da subjetividade moderna. Essa análise convida a

reconsiderar a ideia de sujeito não como um ponto fixo, mas como uma construção multifacetada.

Nesse sentido, ao refletir sobre a evolução do conceito de sujeito, é intrigante perceber que muitas das questões discutidas pelos filósofos modernos já foram exploradas por pensadores anteriores, como Santo Agostinho em suas *Confissões*, assim como por escritoras místicas femininas², como Hildegarda de Bingen e Marguerite Porete, entre outras. Agostinho, no final da Antiguidade, investiga a interioridade e a relação do *eu* com o divino, antecipando problemáticas que continuam a permear as discussões contemporâneas sobre o sujeito. Com isso,

É de se notar que a “questão que me tornei para mim mesmo”, elaborada diante dos olhos de Deus, nas *Confissões* de Agostinho – esse tipo de lembrança e auto-reflexão religiosa –, apesar de não ter intenção psicológica, com a crescente secularização deixa seu rastro na modernidade apenas na forma de uma simples reflexão sobre a vida pessoal. Reflexão, esta, esvaziada do elemento religioso e de uma certeza daquilo que é narrado (Filho, 2014, p. 98).

Como podemos ver, a busca agostiniana por autocompreensão e verdade tem uma forte relação com a religião e, esvaziada deste aspecto, ressoou nas inquietações contemporâneas, sugerindo que a reflexão sobre o sujeito é um diálogo contínuo que transcende séculos, mesmo que para isso a leitura feita por uma determinada tradição de pensamento seja feita a partir do seu próprio olhar, ou seja, reformulando a ideia apresentada inicialmente.

3 AGOSTINHO E O SUJEITO QUE BUSCA A DEUS

Nas *Confissões*, Agostinho fundamenta uma profunda introspecção sobre o *eu*, em que o sujeito não é apenas um ser racional ou fragmentado, mas um ser em busca de si mesmo e de Deus. Muito antes de Descartes declarar o *cogito, ergo sum*, Agostinho já explorava a interioridade e a relação entre o sujeito e a verdade, mas em termos existenciais e espirituais. Ele examina suas próprias ações, desejos e contradições, propondo uma visão do sujeito que dialoga tanto com sua interioridade quanto com o transcendente. Essa busca pelo *eu* coloca o sujeito em um processo de autodescoberta constante, na qual conhecer a si mesmo significa também um movimento em direção ao divino.

Logo no início da obra, Agostinho reflete sobre a natureza da existência humana e sua dependência de Deus. No Livro I, ele declara: “Tu o incitas, para que goste de te louvar, porque o fizeste rumo a ti e nosso coração é inquieto, até repousar em ti” (*Confissões*, I, I, 1). Esse trecho centraliza a relação entre o sujeito e o Criador, indicando que o *eu* não pode ser plenamente compreendido sem reconhecer sua origem divina. Para Agostinho, o ser humano encontra sua identidade ao se voltar para Deus, pois a criação é um evento contínuo, na qual o sujeito depende da graça divina para se conhecer e se transformar.

² As escritoras místicas medievais contribuíram significativamente para o entendimento do sujeito através de suas obras, apesar do contexto patriarcal que limitava a voz feminina na Idade Média. Em seus escritos, essas mulheres exploraram a interioridade e o autoconhecimento em um diálogo profundo com o divino, refletindo um processo de autocompreensão e afirmação da própria subjetividade. Seus textos não apenas registram experiências espirituais intensas, mas também posicionam o *eu* como um sujeito ativo, em busca da verdade e da união com Deus. Ao expressar suas experiências místicas e desafios pessoais, essas autoras questionaram as estruturas de poder e redefiniram a relação do indivíduo com o transcendente, configurando o sujeito como um ser relacional, em constante transformação espiritual. Dessa forma, suas obras oferecem uma perspectiva singular sobre o conceito de sujeito, antecipando questões que ecoariam na filosofia moderna e desafiando a ideia de que o desenvolvimento da subjetividade seria uma conquista exclusivamente moderna. Para mais detalhes sobre esse tema, cf. Nogueira, 2020, 2021.

Outro aspecto é a fragilidade humana, presente desde a infância. Em uma análise introspectiva, Agostinho observa sobre seus primeiros anos:

Então me lançava em gestos e sons, sinais que imitavam minhas vontades, pelo pouco que podia, de maneira que podia: mas não eram realmente semelhantes. E quando não me obedeciam, ou por não entender, ou para não me prejudicar, indignava-me que adultos não se submetessem e gente livre não me servisse, e vingava-me deles chorando (*Confissões*, I. VI, 8).

A partir dessa perspectiva, o ser humano é marcado pelo pecado original e pela limitação, o que impulsiona Agostinho em sua busca por autoconhecimento e redenção. Desde o início, o sujeito é visto como incompleto, carente, e é justamente essa falta que motiva a busca por Deus em Agostinho.

Ao longo do primeiro livro, o filósofo africano examina sua vida desde a infância, demonstrando como a identidade humana é moldada na relação com o Criador. Ele sugere que, desde os primeiros anos, o sujeito já possui uma inclinação ao erro, uma condição que apenas a presença de Deus pode corrigir. A busca pelo *eu* agostiniano está sempre vinculada à busca por Deus, e o sujeito só alcança a plenitude ao reconhecer sua dependência da graça divina.

A relação entre criação e dependência é central para a subjetividade em Agostinho, pois,

o sujeito permanente, *eu*, refere-se ao seu correlato, *tu* – um *tu* que é Deus – sendo Ele o senhor de todo o destino do narrador, de toda a sua graça. Ao utilizar esse artifício retórico, ele obriga-se à veracidade absoluta, livrando-se do risco de falsidades que ocorrem em narrativas comuns, posto que Aquele é onisciente, enxerga tudo (Filho, 2014, p. 96).

Essa postura confessional de Agostinho, o obriga a um nível de sinceridade raro, e coloca a busca por Deus como uma condição indispensável para a plena realização do sujeito. Ao se perceber como criatura, o sujeito é levado a refletir sobre suas limitações, e é precisamente nessas limitações que surge o desejo de auto transcendência. Agostinho revisita a ideia de que o coração humano está em inquietude até repousar em Deus, colocando o sujeito em um estado de carência até que alcance a união divina. Assim, o sujeito é essencialmente relacional, construído em constante diálogo com o transcendente.

Nos livros II e III das *Confissões*, Agostinho aprofunda a reflexão sobre a condição pecaminosa do sujeito humano. A análise da queda e do desejo humano mostra como o pecado afeta a estrutura do *eu* e a relação do sujeito com Deus. Agostinho expõe como o desejo desordenado, movido pela concupiscência, afasta o ser humano da verdade e do bem. Isso se manifesta em um dos episódios mais famosos da obra: o roubo das peras, no qual ele admite ter roubado por puro prazer de fazer o mal, sem qualquer necessidade material:

Eu também quis cometer um roubo, e não o fiz impulsionado por alguma carência, a não ser penúria e fastio de justiça, e fartura de iniquidade. Pois, roubei algo que tinha em abundância e muito melhor, e não pretendia gozar daquilo que procurava pelo roubo, mas do próprio roubo e do pecado (*Confissões*, II. IV, 9).

Esse evento aparentemente trivial é significativo porque ilustra a profundidade do pecado na alma humana. Agostinho reflete que o ato de roubar as peras foi motivado pelo desejo de transgredir, de experimentar o prazer da liberdade desvinculada de qualquer ordem moral ou divina. Para ele, o desejo desordenado é um reflexo da separação entre o sujeito e Deus. O roubo das peras representa, assim, o afastamento do ser humano em relação ao seu Criador, um afastamento que só pode ser remediado pela graça divina.

Ao explorar sua juventude, especialmente nos livros II e III, Agostinho destaca sua busca por prazeres mundanos, intelectuais e físicos. Ele descreve sua inclinação para o desejo

sexual como um exemplo de sua vida pecaminosa, e como esses desejos distorcem a vontade do sujeito: "Fui para Cartago, e o estrago dos amores pecaminosos fervilhava por toda parte ao meu redor" (*Confissões*, III. I, 1). Nessa fase, ele se distanciava de Deus, tentando encontrar satisfação em bens passageiros e efêmeros, mas descobrindo cada vez mais a vacuidade dessas buscas.

Aqui, o sujeito pecador de Agostinho é caracterizado pela inquietude e pelo vazio, "E, assim, minha alma não passava bem, e se lançava para fora coberta de úlceras, ávida de se escolar no contato com coisas sensíveis" (*Confissões*, III. I, 1). O desejo, que originalmente deveria direcionar o ser humano ao amor divino, torna-se distorcido, levando-o a buscar satisfação em coisas criadas e não no Criador. Esse desvio de orientação é o que define a condição do pecado, e o sujeito, em seu estado natural, encontra-se perdido nessa busca incessante e insaciável por satisfação.

No entanto, Agostinho também ressalta que mesmo em seu estado de pecado, o desejo pelo divino permanece latente. Ele reconhece que a busca por prazer e poder era, em última instância, uma tentativa frustrada de encontrar a felicidade verdadeira, que só poderia ser encontrada em Deus. Agostinho sugere que o desejo humano é inerentemente orientado para Deus, mas o pecado distorce essa orientação, desviando o sujeito para prazeres transitórios.

Dessa forma, o sujeito pecador agostiniano vive em um estado de desordem interior. Sua vontade está fragmentada, dividida entre o desejo pelo bem e a atração pelo mal. Esse conflito é a essência do pecado original, que não apenas afasta o sujeito de Deus, mas também gera uma sensação de angústia e alienação. A solução para essa condição, como Agostinho mais tarde explora, reside na reconciliação com Deus por meio da conversão e da busca pelo amor divino.

Assim, os livros II e III das *Confissões* revelam o desenvolvimento do *eu* de Agostinho à medida que ele toma consciência de sua condição pecaminosa. O desejo, que deveria ser um meio de união com Deus, transforma-se em um obstáculo que afasta o sujeito da verdade. No entanto, ao reconhecer essa distorção, Agostinho prepara o caminho para sua futura conversão, quando finalmente encontrará descanso em Deus, o verdadeiro objeto de todo desejo humano.

Nos livros VII e VIII das *Confissões*, Agostinho descreve sua jornada de conversão, que marca uma virada decisiva na forma como o sujeito, antes pecador e perdido, passa a se reencontrar com Deus. Esses capítulos exploram a natureza da graça divina e seu papel na transformação do sujeito. Agostinho começa a se distanciar das ilusões do mundo material e do prazer sensível, voltando-se para a busca pela verdade e pelo amor divino, culminando em sua conversão no famoso episódio do jardim de Milão.

O livro VII retrata Agostinho em um estado de inquietação intelectual. Ele continua sua busca pela verdade, mas agora através de uma reflexão filosófica mais profunda, influenciada pelo neoplatonismo. Nesse momento, ele começa a perceber que o mundo material não pode satisfazer seu desejo pelo eterno:

Penetrei e vi, pelo olhar de minha alma, pelo que vale, acima do próprio olhar de minha alma, acima de minha mente, uma luz imutável, não esta luz ordinária e visível por qualquer carne, nem uma maior, mas do mesmo gênero, como se brilhasse com muito mais claridade e ocupasse todo o espaço; não era assim, mas diferente, bem diferente de tudo isso. E não estava acima de minha mente como o óleo está sobre a água ou o céu está sobre a terra, mas era superior, porque me fez, e eu inferior, porque fui feito por ela. Quem conhece a verdade a conhece e quem a conhece, conhece a eternidade. A caridade a conhece (*Confissões*, VII. X, 16).

A filosofia neoplatônica ajuda Agostinho a entender que Deus é a verdade suprema, que transcende o mundo sensível e está além das limitações da carne. Essa visão prepara Agostinho para a ideia de que a verdadeira felicidade não pode ser encontrada nas coisas temporais, mas somente em Deus.

No entanto, a conversão intelectual não é suficiente. Agostinho ainda se sente dividido, incapaz de romper completamente com seus antigos desejos e hábitos. Ele reconhece a verdade do cristianismo, mas a fraqueza da vontade o impede de se submeter plenamente a Deus. Essa luta interior é narrada com grande intensidade no livro VIII, onde Agostinho descreve o tormento de sua alma: "Por isso, duas vontades, uma velha, outra nova, uma carnal, outra espiritual, combatiam entre si e, divergindo, dilaceravam minha alma" (*Confissões*, VIII, V, 10).

O ponto alto da conversão ocorre no famoso episódio do jardim, em Milão, quando Agostinho, em meio à angústia, ouve uma voz infantil que repete: "Pega, lê, pega, lê" (*Confissões*, VIII, XI, 29). Interpretando essas palavras como uma mensagem divina, ele abre as Escrituras e lê um trecho de Romanos 13:13-14: "Não em orgias e bebedeiras, nem em devassidão e libertinagem, nem em rixas e ciúmes, mas vesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não procurareis satisfazer os desejos da carne" (*Confissões*, VIII, XI, 29). Esse momento marca a rendição total de Agostinho à vontade de Deus, e ele finalmente encontra a paz e o repouso que sua alma tanto buscava.

A conversão de Agostinho revela a centralidade da graça no processo de transformação do sujeito. Apesar de todo o seu esforço intelectual e moral, ele só consegue se voltar completamente para Deus por meio da intervenção divina. A graça atua não como uma força que anula a liberdade humana, mas como um auxílio indispensável que fortalece a vontade e permite que o sujeito supere a inclinação para o pecado. Nas palavras de Agostinho: "De fato, me reconduziste a ti, para que, sem procurar mulher ou outra esperança no século, permanecesse na regra de tua fé" (*Confissões*, VIII, XI, 30).

Com a conversão, o sujeito agostiniano passa de um estado de divisão e inquietude para um estado de unidade e repouso em Deus. A graça restaura a ordem interior da alma, permitindo que o desejo do sujeito se oriente corretamente para o bem supremo. A vontade, antes fraca e dilacerada pelos desejos desordenados, agora se une à vontade divina, e o sujeito encontra a verdadeira liberdade na submissão a Deus.

Desse modo, os livros VII e VIII das *Confissões* retratam a transformação radical do sujeito através do encontro com a graça divina. Essa experiência marca não apenas o ponto de virada na vida de Agostinho, mas também uma compreensão mais profunda da relação entre o sujeito humano e Deus, na qual a graça desempenha um papel essencial para libertar o ser humano do pecado e direcioná-lo ao verdadeiro bem.

Após sua conversão, Agostinho mergulha na busca por um entendimento mais profundo da verdade e da relação entre o sujeito e Deus. Nos livros IX e X das *Confissões*, ele explora a ideia de interioridade, mostrando como o sujeito deve voltar-se para dentro de si para encontrar Deus, o que representa uma continuidade e um aprofundamento da sua jornada espiritual.

No livro IX das *Confissões*, Agostinho narra sua transição da vida ativa para uma vida contemplativa, marcada pelo afastamento dos prazeres mundanos e pela dedicação à oração e ao estudo. Nesse processo, a morte de sua mãe, Mônica, se torna um evento central para aprofundar sua compreensão sobre a relação entre temporalidade e eternidade. A oração de Agostinho em favor de sua mãe revela uma mudança interior significativa, onde ele passa a buscar não apenas consolo, mas uma cura espiritual para a dor profunda que sente.

Ao lidar com a perda de Mônica, Agostinho experimenta uma tristeza intensa e reflete sobre a fragilidade dos laços humanos e a transitoriedade da existência. Ele reconhece o quanto o apego às pessoas e aos eventos terrenos pode causar sofrimento e, com isso, uma dupla tristeza o consome, um sofrimento que reflete tanto a perda de sua mãe quanto sua própria luta espiritual.

Eu, porém, gritava aos teus ouvidos, onde nenhum deles me ouvia, a fragilidade de meu sentimento, e represava o fluxo da tristeza, que cedia um pouco, para então voltar por seu próprio impulso, não ao ponto de eu transbordar em lágrimas ou de mudar minha expressão – mas eu sabia o que oprimia meu coração. E, como me afligia

intensamente que tanto poder tivessem sobre mim esses acontecimentos humanos que é necessário que aconteçam segundo a ordem devida e o destino de nossa condição, minha dor doía de outra dor, e uma dupla tristeza me consumia (*Confissões*, IX. XII, 31).

Esse lamento revela a dor de Agostinho que, ao mesmo tempo em que sofre com a perda, também sente a angústia de ainda estar vulnerável aos acontecimentos humanos e às limitações da condição terrena. Assim, a morte de Mônica não é apenas uma despedida, mas um convite para que ele olhe para além do temporal e busque a verdadeira vida em Deus, na qual, finalmente, ele poderá encontrar a paz que tanto procura.

No livro X, Agostinho aprofunda sua exploração da interioridade, retomando os temas de memória e introspecção para mostrar que o sujeito só pode encontrar a verdade ao voltar-se para dentro de si. Percebemos que “o conhecimento em Agostinho é uma questão de autoconsciência, assim a memória passa a ser sinônimo de consciência de si, sendo a memória o espírito e o próprio eu, e mais do que potência da alma é a própria alma em ato” (Junior, 2023, p. 6). Para Agostinho, Deus habita no interior do ser humano, e o caminho para encontrá-Lo exige a investigação das profundezas da própria alma. Ele expressa essa ideia na célebre citação: “Tarde te amei, beleza tão antiga e tão nova, tarde te amei! Mas eis: estavas dentro e eu estava fora. Lá fora eu te procurava e me atirava, deforme, sobre as formosuras que fizeste” (*Confissões*, X. XXVII, 38). Essa célebre citação reflete a mudança na percepção de Agostinho sobre o sujeito: ele compreende que o conhecimento de Deus não se dá por meio de experiências externas, mas através da introspecção e da contemplação interior.

O conceito de memória em Agostinho é central para o que poderíamos chamar de sua filosofia do sujeito. No livro X, ele descreve a memória como um vasto tesouro onde estão guardadas todas as experiências e conhecimentos adquiridos ao longo da vida. A memória é o lugar onde o sujeito pode refletir sobre sua história pessoal e encontrar a presença de Deus.

Grande faculdade é a memória, meu Deus, algo assustador, multiplicidade profunda e infinita; e isso é a mente, e isso sou eu. O que sou, então, meu Deus? Qual é minha natureza? Vida variada, multiforme, de caudalosa imensidade. Eis que em minha memória, por campos e antros e cavernas incontáveis e incontavelmente cheios dos gêneros incontáveis das coisas, seja por imagens, no caso de todos os corpos, seja por presença, no caso das disciplinas, seja por algum tipo de noção ou notação, no caso das afecções da mente – que a memória conserva mesmo quando a mente não as sofre, ainda que esteja na mente tudo o que está na memória –, por tudo isso eu vago e círculo, aqui e ali, penetro quanto posso, e nunca encontro o fim. T tamanha faculdade é a memória, e tamanha faculdade de vida está no homem que vive mortalmente! (*Confissões*, X. XVII, 26).

A partir dessa reflexão, Agostinho percebe que a verdadeira busca pelo conhecimento de Deus está enraizada na capacidade de o sujeito de recordar, meditar e contemplar.

Além disso, o livro X também aborda o problema da concupiscência e da fraqueza do sujeito frente às tentações. Mesmo após sua conversão, Agostinho reconhece que a alma humana continua a ser atraída por desejos desordenados, e a luta contra o pecado permanece constante. Ele confessa suas falhas e pecados diante de Deus, reconhecendo que, apesar de ter dado um grande passo em direção à santidade, o processo de purificação e autoconhecimento ainda não está completo.

A interioridade, portanto, não é apenas um caminho para encontrar Deus, mas também um campo de batalha onde o sujeito luta contra suas paixões e tentações. Agostinho reconhece que o conhecimento de si mesmo é inseparável do conhecimento de Deus, e que a verdade só pode ser encontrada quando o sujeito se volta para sua interioridade, enfrenta suas fraquezas e se abre para a graça divina. A memória, a introspecção e a luta contra a concupiscência são, então, elementos-chave para compreender a jornada do sujeito agostiniano.

Assim, os livros IX e X das *Confissões* completam o retrato do sujeito em Agostinho, mostrando que a busca pela verdade é, em última análise, uma jornada interior. O sujeito encontra sua identidade mais profunda ao se conectar com Deus dentro de si, mas também precisa enfrentar a contínua tensão entre o espírito e a carne. A interioridade, portanto, não é apenas um refúgio de paz, mas também o lugar onde o sujeito confronta suas imperfeições e busca a santidade com a ajuda da graça divina.

Ao refletir sobre a interioridade como caminho privilegiado para alcançar a verdade, Agostinho estabelece uma ética pautada na transformação do próprio ser como princípio para o entendimento da divindade e da ordem universal. Ele argumenta que o autoconhecimento e a autoconsciência são fundamentais, pois é na intimidade do próprio ser que se aproxima de Deus, experimentando a verdade como uma experiência íntima e reveladora.

Agostinho, portanto, concebe o sujeito não apenas como um indivíduo dotado de consciência, mas como um ser em constante peregrinação interior, uma jornada espiritual que transcende a vida material e se funda no amor divino. Esse sujeito é, ao mesmo tempo, limitado e impulsionado pelo desejo de unir-se a Deus e superar a própria condição humana, abraçando a fé e a humildade como caminhos para a purificação da alma. Esse trajeto reflete, assim, a construção de um sujeito essencialmente espiritual e relacional, cuja identidade se consolida na medida em que ele se aproxima da verdade divina e se afasta das paixões do mundo material.

Ao delinear o sujeito como um peregrino da interioridade, Agostinho não apenas modela a experiência religiosa, mas também antecipa uma dimensão ética que será fundamental para o pensamento medieval: o reconhecimento de que o ser humano só encontra sua plenitude ao dirigir-se a algo maior que si mesmo, à verdade divina. Em síntese, para Agostinho, o sujeito é constituído pela busca incessante da verdade e do amor divino, estabelecendo-se como uma entidade que só se completa em relação ao sagrado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação conduzida ao longo deste trabalho revelou que a concepção de sujeito, tradicionalmente associada ao pensamento moderno, já encontrava suas raízes e bases estruturais na filosofia medieval, especialmente nas reflexões de Agostinho de Hipona. Muito antes do *cogito, ergo sum* de Descartes, Agostinho formulou uma visão de subjetividade onde o autoconhecimento e a busca pela verdade transcendiam o racionalismo autônomo da modernidade. Em suas *Confissões*, Agostinho delineia um sujeito que se compreende através da introspecção e da relação íntima com Deus, estabelecendo uma forma de subjetividade relacional que implica dependência do divino para a verdadeira realização e compreensão de si.

Ao refletirmos sobre as aproximações entre Agostinho e Descartes, é possível identificar pontos em comum, apesar das diferenças de contexto e fundamentação. Ambos colocam o sujeito pensante no centro de suas reflexões: para Agostinho, a introspecção e a reflexão interior conduzem à verdade e à conexão com Deus, enquanto, para Descartes, o pensamento é a base do ser e do conhecimento. Em ambos, a busca pela verdade é um elemento essencial; entretanto, Agostinho associa essa busca à iluminação divina, enquanto Descartes a vincula ao uso rigoroso da razão e à dúvida metódica. Também compartilham a ênfase na dualidade entre corpo e alma/mente e no papel da dúvida e da reflexão como métodos fundamentais para alcançar a certeza.

Guardadas as diferenças, é interessante perceber que tanto Agostinho quanto Descartes utilizam métodos introspectivos para superar a incerteza e alcançar verdades mais profundas. Agostinho, por meio da fé e da confiança em Deus, transcende as dúvidas e encontra a verdade última no divino. Já Descartes busca reconstruir o conhecimento sobre bases indubitáveis, partindo do ato de pensar para estabelecer a existência do sujeito.

Essa análise desafia a visão moderna de que a Idade Média seria um período ausente de contribuições significativas para a ideia de sujeito. Em vez disso, a filosofia medieval, como mostrada por Agostinho, constrói uma noção de sujeito marcada pela busca incessante pela verdade e pela luz divina, elementos que dialogam com a interioridade e a condição humana de carência e fragilidade. Ao explorar a estrutura de um *eu* que busca a Deus como parte central de sua identidade, o trabalho ilumina o modo como o sujeito medieval já antecipava questionamentos fundamentais sobre a natureza humana e o autoconhecimento, conectando-se com debates modernos e contemporâneos.

Conclui-se que a subjetividade, longe de ser uma invenção exclusiva do pensamento moderno, é uma construção contínua, cujas bases profundas se encontram na tradição medieval. Esse legado de Agostinho contribui para a compreensão multifacetada do sujeito, reafirmando a relevância de sua filosofia na construção do pensamento ocidental e na busca por uma compreensão mais ampla do humano em relação ao divino.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. **Confissões**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2003.

DE LIBERA, Alain. **Arqueologia do sujeito. Nascimento do sujeito**. Tradução de Fátima Conceição Murad. São Paulo: Editora Fap-Unifesp, 2013.

DESCARTES, Descartes. **Meditações**. Tradução de Gilles-Gaston Granger. São Paulo: Nova Cultural, 1996 (Os pensadores).

DINIZ, J. O. ; NOGUEIRA, Maria Simone Marinho. **Marguerite Porete no Espelho: escrita de si e autonomia**. In: Luciana Calado Deplagne; Roberto de Assis. (Org.). Tradução, transculturação e ensino: De Christine de Pizan Pa contemporaneidade. 1ed. João Pessoa: CCTA, 2022, v. 1, p. 121-140.

JUNIOR, Edson Abranges Procedino. **A interioridade em Santo Agostinho**. 2023. Artigo (Trabalho de Conclusão de Curso) – PUC Goiás. Goiás, 2023. Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/6492> Acesso em: 23 out. 2024.

NOGUEIRA, Maria Simone Marinho. **Marguerite Porete: A mística como escrita de si**. In: *Revista Graphos*, João Pessoa, v. 22, nº 3, 2020, p. 76-90. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/graphos/article/view/54125>. Acesso em: 20 out. 2024.

NOGUEIRA, Maria Simone Marinho. **Mística feminina medieval: um ensaio de categorização**. *Perspectiva Filosófica*, Recife, v. 48, nº 2, 2021, p. 69-902. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/perspectivafilosofica/article/view/249029>. Acesso em: 22 out. 2024.

OLIVEIRA FILHO, João Francisco Gabriel de. **A Quaestio mihi facto sum de Agostinho e as decorrentes considerações sobre identidade em Hannah Arendt**. *Revista Eletrônica Espaço Teológico*, v. 8, n. 14, 2014, p. 94-104.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: De Spinoza a Kant**. v. 4. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2004.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Do Humanismo a Descartes.** v. 3. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2003.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Patrística e Escolástica.** v. 2. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2003.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um ato de rememorar, e não há nada mais profundo do que revisitar o processo de aprendizado que o curso de Filosofia me proporcionou. Lembro-me de uma segunda-feira, 16 de março do ano de 2020, quando peguei o carro e saí de Soledade rumo a Campina Grande com toda minha documentação para me inscrever no curso. Naquele momento, eu não imaginava o quão significativo e impactante isso seria em minha vida.

Curiosamente, nesse mesmo dia, eu acabei não indo à primeira aula. E, no dia seguinte, em 17 de março do mesmo ano, a pandemia de Covid-19 foi oficialmente declarada no Brasil, confinando todos nós em casa, vítimas de um assassino invisível a nosso olho nu. Durante esse período de incertezas e perdas, as aulas foram suspensas, e toda a empolgação inicial deu lugar ao medo e à apreensão. Mas não posso deixar de lembrar da querida professora de Filosofia Antiga, *Solange Norjosa*, que, mesmo sem a obrigatoriedade, decidiu continuar a ensinar voluntariamente aos alunos interessados em aprofundar-se na filosofia. Foi com ela que comecei a trilhar o caminho do pensamento filosófico, desde os filósofos naturalistas até o grande favorito dela, o inestimável Platão.

Após uma longa espera por questões burocráticas que eu ainda não compreendia bem, as aulas voltaram de forma assíncrona. Tive então a oportunidade de conhecer muitos dos meus colegas e outros professores, embora muitas vezes apenas por meio de ícones de perfil ou câmeras desligadas. Mesmo à distância, construímos um vínculo na qual, todos se apoiavam.

Hoje, sou imensamente grato a todos os mestres e doutores que me formaram até aqui. Deixo registrado meu respeito e gratidão a cada um: professor *Otacílio*, professor *Arlindo*, professor *Valmir*, professor *Nilton*, professor *Thalles Azevedo*, professor *Ramon Bolívar*, professor *Janduí Evangelista*, professor *Carlos Antônio*, professor *Rafael Ramos*, professor *Reginaldo*, professor *Antônio Carlos*, professor *Márcio Correria*, professor *Tarciano Batista*, professor *Írio Coutinho*, professora *Gilmara*, professora *Eugênia Ribeiro* e professor *Allyson*. Em especial, minha profunda gratidão para minha professora e orientadora, *Maria Simone*, por todo o suporte e dedicação. A todos vocês, que deixaram marcas profundas e aqueceram meu coração com o calor do estudo filosófico, meu muito obrigado. Jamais me esquecerei do que aprendi com vocês.

Aos meus colegas e amigos. em primeiro lugar na minha vida acadêmica, quero expressar minha gratidão a *Maria Leticia Costa Vieira*, que me impulsionou a ser quem sou hoje. No início, o que eu sentia era uma vontade de competir com ela, no entanto, mal sabia eu que essa ânsia acabaria transformando-a em uma das minhas melhores amigas, dentro e fora da academia. Por meio dessa amizade, alcancei muito do que conquistei até aqui, e sei que posso conquistar muito mais. Agradeço a filosofia por ter colocado a *Leticia* em minha vida, para não ser apenas uma amizade da graduação, mas sim, para além e aquém dos muros acadêmicos. Aguardo ansioso para os dias que possamos comer hambúrguer de bacon e tomar o nosso famoso suco de cajá.

Também sou grato a *João Pereira*, um grande amigo que foi fundamental para meu desenvolvimento pessoal e acadêmico. Sempre vi *João* como alguém de quem poderia me aproximar e contar, seja para resolver uma dúvida ou simplesmente para descontrair. Durante o período da pandemia, essas duas pessoas foram essenciais para que eu continuasse firme no caminho dos estudos. Afinal, eu era um "fera", ainda engatinhando nesse novo mundo, enquanto eles, com mais experiência, já estavam em sua segunda graduação. Fui muito bem "adotado" por eles, e graças ao apoio de pessoas assim, mantenho viva a chama do aprendizado.

Quando as aulas presenciais foram retomadas, toda a ansiedade que eu não havia sentido nos primeiros períodos finalmente se manifestou. O privilégio de conhecer pessoalmente aquelas pessoas que antes eram apenas ícones e fotos me trouxe uma motivação ainda maior para estar presente nos corredores e salas da academia. Nesse momento, quero mencionar

Emanuele Dantas, Marizio Barbosa e Luan Felipe, que foram meus amigos e companheiros desde o início das aulas presenciais até o fim do curso. A vida acadêmica se tornou mais leve com vocês ao meu lado. Sou profundamente grato por nunca terem me abandonado e espero que a vida traga sempre o melhor para cada um de vocês.

Agradeço também aos meus colegas de curso que estiveram comigo nessa jornada árdua, mas gratificante, da filosofia: *Aline Noberto, Aline Regis, Amanda Duarte, Flávia Delia, Izabel Fortunato, Marcelo Vieira, Mateus Chagas, Mikael Gonçalvez*, dentre outros.

Minha gratidão vai também para minha base, meu apoio mais visceral, *Damiana Alexandrino* (Diana) e *Severino Domingo* (Bill), meus amados pais, que sempre apoiaram minhas decisões e estiveram ao meu lado. Agradeço à minha irmã, *Anna Laysa*, que sempre traz risos mesmo nos momentos mais complexos. Além disso, expressei meu reconhecimento ao meu avô *Damião Lourenço* e à minha querida e amada avó *Maria das Graças (in memoriam)*, que sempre me incentivaram nos estudos e me mostraram a importância de ser uma pessoa melhor.

Sou grato também aos amigos que me apoiaram, mesmo de forma indireta, durante todo o curso. Não poderia deixar de mencionar *João Paulo e Anderson Tiburcio*, que, apesar da distância e dos desafios da vida adulta, continuam presentes sempre que possível, auxiliando no crescimento um do outro.

Por fim, não poderia encerrar esses agradecimentos sem expressar minha honra e alegria em ter *Assíria Guimarães* ao meu lado – minha amiga, minha noiva, meu amor. Esteve comigo desde o primeiro dia, na inscrição do curso, e permaneceu ao meu lado em toda a jornada acadêmica, oferecendo força, apoio e todo o suporte necessário para que eu seguisse em frente sem vacilar. Obrigado por me mostrar que, mesmo com toda a burocracia e o rigor da academia, a vida pode ser mais leve e tranquila. Obrigado por permanecer ao meu lado até aqui.

Em resumo, agradeço a todos que fizeram parte dessa jornada, direta ou indiretamente. Espero que esta primeira graduação seja apenas o início de uma trajetória maior, de um horizonte de possibilidades que a filosofia pode proporcionar. Despeço-me com o coração carregado de esperanças e gratidão pelo acolhimento de cada um.